

## Ateísmo e comunismo: o lugar de Jean Meslier na filosofia política das Luzes

*Paulo Jonas de Lima Piva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Quando o assunto é Iluminismo francês, em especial o pensamento político do período, os nossos manuais e cursos acadêmicos de filosofia dão destaque apenas a pensadores da estirpe de Montesquieu e Rousseau, menosprezando outros com base em argumentos pouco persuasivos. É o caso, por exemplo, de Jean Meslier (1664-1729), um vigário de aldeia que escreveu, por volta de 1720, uma obra radical, na qual preconiza a união dos oprimidos em torno do estrangulamento do último rei com as tripas do último padre. Enquanto os vultos do Iluminismo, a maior parte de procedência nobre ou burguesa, advogavam o deísmo, a propriedade privada e o despotismo esclarecido como elementos de uma verdadeira civilização, Meslier, muito antes deles, sustentava o deicídio, o tiranicídio e o comunismo como as bases de um novo mundo, singularidade que lhe garante, a nosso ver, um lugar de importância e destaque na filosofia política das Luzes.

**Palavras-chave:** Iluminismo — materialismo — ateísmo — comunismo — revolta

*Como gosto dos autores menores (Joubert sobretudo) que, por delicadeza, viveram à sombra do gênio dos outros e que renunciaram ao seu por temor de possuí-lo!*

Emil Cioran, *Silogismos da Amargura*.

---

1. Paulo Jonas de Lima Piva é doutor em filosofia pela USP, pós-doutorando em filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT)/Fapesp, professor da USJT e autor de *O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot* (Discurso Editorial). E-mail: pjlpiva@hotmail.com

## I

Quando pensamos nas Luzes européias do século XVIII, em particular na Ilustração francesa, as primeiras idéias que nos vêm à mente são a *Enciclopédia* e a tomada da Bastilha, ou seja, a luta da razão contra o obscurantismo e o despotismo político ? encarnados respectivamente pela Igreja e pelo absolutismo monárquico ? e a tríade Liberdade/Igualdade/Fraternidade, lema de inspiração ilustrada que, como sabemos, embora tenha impulsionado o comportamento subversivo do povo francês durante a grande revolução de 1789, terminou como sustentáculo ideológico das perfídias e atrocidades cometidas pelos governos pós-revolucionários. Por outro lado, quando pensamos nas mentes que fomentaram esse empreendimento monumental que foi o Iluminismo francês, os primeiros nomes que nos ocorrem são automaticamente os de Montesquieu, Voltaire, D'Alembert, Rousseau e Diderot. O mesmo acontece quando indagamos sobre as obras mais relevantes do período, especialmente as de cunho político. Os nossos manuais de história da filosofia nos remetem de imediato a obras como *O Espírito das Leis* (1748), de Montesquieu e, sobretudo, ao *Contrato Social* (1762). Embora com menos destaque, encontramos também alusão às *Cartas Inglesas* (1734) de Voltaire, livro mediante o qual o filósofo expressa todo o seu entusiasmo pelo clima de tolerância e liberdade reinante na vizinha Inglaterra que ele conhecera no exílio.

Trata-se, sem dúvida, de autores e de escritos de valor irrefutável. Contudo, se considerarmos a quantidade das publicações e os temas das pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos brasileiros da filosofia do século das Luzes, a impressão que temos é que a reflexão política da Ilustração francesa em específico resume-se a Rousseau e ao *Contrato Social*. E o que verificamos quando nos debruçamos no pensamento do período é que, obviamente, nem só de Rousseau, Voltaire e de *O Espírito das Leis* é constituída a filosofia francesa do século XVIII. Esta também é La Mettrie, é Holbach, são os panfletários do mercado clandestino de manuscritos. E se o historiador Robert Darnton estiver mesmo certo, esses filósofos consagrados pela história da filosofia não foram os escritores mais populares na França pré-revolucionária. Segundo Darnton, o *Contrato Social*, por exemplo, ao contrário do que normalmente se imagina, foi uma obra

pouco conhecida até 1789 (DARNTON 1, p. 10). Mas se o *Contrato Social* não foi lido no Antigo Regime quantitativamente como foi no período revolucionário, o *Emílio*, em compensação, foi um *best-seller* do filósofo genebrino (*ibidem*). Quanto aos demais *best-sellers* do Antigo Regime, esses são hoje livros praticamente desconhecidos. O mesmo ocorre com os seus autores. Certamente poucos são os que tenham lido ou se dedicado nos nossos dias ao estudo de livros como *Teresa Filósofa*, *Anedotas sobre Madame du Barry* ou *O ano de 2440*. Podemos também dizer com certa segurança que nomes como marquês d'Argent, Louis-Sébastien Mercier ou Mathieu-François Pidansat são escritores sobre os quais dificilmente haja alguém na atualidade escrevendo uma tese ou ministrando algum curso em alguma universidade, em particular no Brasil. Entretanto, esses escritores, hoje totalmente marginalizados e esquecidos pelas cartilhas, talvez tenham exercido, pela popularidade que alcançaram entre os seus contemporâneos, uma influência considerável na visão de mundo dos seus leitores da época, uma vez que seus escritos foram os mais assimilados, os mais comentados e debatidos nas tabernas e mercados parisienses. Com base nisso, Darnton conclui que as origens intelectuais e que as fontes ideológicas da Revolução Francesa ? questão bastante discutida sobretudo entre os historiadores ? não são exclusivamente os textos e as idéias daqueles que a tradição transformou em vultos do Iluminismo, mas sim algo mais complexo, resultante de uma espécie de mistura e conjunção entre a perspectiva do alto Iluminismo com as opiniões difundidas pelo baixo Iluminismo, isto é, pelos autores expurgados não propriamente pela história, mas pelos manuais. “Mas não é possível concluir que os fatos são explicados exclusivamente mediante o discurso filosófico ou que as pessoas comuns dependem dos filósofos para dar sentido à vida”, argumenta o historiador. “A elaboração do significado tem lugar tanto nas ruas quanto nos livros. A formação da opinião pública ocorre tanto nos mercados e nas tabernas quanto nas *sociétés de pensée*”, arremata Darnton (*ibidem*, p. 196). Em outras palavras, há todo um submundo setecentista francês muito rico a ser explorado, todo um *underground* filosófico ilustrado que merece ser escavado e trazido à tona. Quando isso ocorre, encontramos verdadeiras jóias do pensamento. É o caso, por exemplo, de Jean Meslier.

## II

Ao contrário de Voltaire, Rousseau ou de Diderot, não é possível falar de Jean Meslier sem antes apresentá-lo. Ocorre que entre os especialistas e em meio ao público leitor brasileiro ele é quase um anônimo. Em linhas gerais, Jean Meslier foi um vigário de aldeia que viveu no norte da França entre os anos de 1664 e 1729. Ele foi autor de uma obra contundente e radical por meio da qual expressou toda a sua indignação contra a opressão e as injustiças sociais cometidas contra os camponeses durante o reinado de Luís XIV. A solução por ele proposta para tais mazelas encontramos no seu manuscrito intitulado *Memória dos pensamentos e dos sentimentos de Jean Meslier*, concluído em 1720, e nas *Cartas aos curas*, provavelmente redigidas na mesma época. E consiste no ideal de uma sociedade fundamentada no ateísmo e na propriedade coletiva da terra. Porém, para realizá-lo, Meslier preconiza, muito antes dos jacobinos, dos anarquistas e dos bolcheviques, a união de todos os explorados e oprimidos em torno do estrangulamento do último rei com as tripas do último padre (MESLIER 3, I, p. 23).

O fato de ser padre e paradoxalmente ateu e comunista nos primeiros anos do século XVIII é uma situação, além de inusitada, bastante significativa, sobretudo se analisarmos o pensamento de Meslier da perspectiva da história da filosofia. Quando contextualizamos historicamente o seu posicionamento filosófico, político e ideológico, percebemos que Meslier foi, com efeito, um pensador muito singular. Tal singularidade torna-se ainda mais nítida quando comparamos a sua doutrina à dos expoentes do Iluminismo francês.

Do ponto de vista metafísico, Meslier nega categoricamente o dogma da criação do universo (*ibidem*, II, p. 186 e 209), por conseguinte, as idéias de divindade, transcendência e de providência ordenadora da natureza (*ibidem*, II, p. 149). Seu ateísmo, portanto, é inequívoco. Os deuses, sem exceção, inclusive o deus judaico-cristão, são por ele definidos como falsidades, como fábulas absurdas (*ibidem* II, p. 163). Os profetas e os santos são julgados charlatães, e os milagres, por sua vez, aparecem como farsas, isto é, como um produto da falta de escrúpulos dos que as sustentam combinada com a ignorância e com medo dos humildes que a elas dão assentimento (*ibidem*, II, p. 343). Com a mesma

veemência, Meslier argumenta a favor do seu materialismo, que é radical. No seu entender, tudo o que existe é material, ou seja, só há matéria no universo, apenas uma única substância na natureza. E substância para ele é toda realidade corporal. A matéria é a realidade, é o Ser propriamente dito. E como Ser, a matéria é a causa de si mesma e de tudo o que é (*ibidem*, II, p. 237). A idéia da existência de uma outra substância além da matéria, uma substância imaterial e imortal, é refutada como fantasiosa. Nesse sentido, Meslier opõe-se frontalmente a Descartes, o qual concebe o homem como uma substância composta, mais precisamente como uma união substancial constituída de matéria e espírito, extensão e pensamento (DESCARTES 2, p. 81). Vale dizer que o dualismo cartesiano era a corrente hegemônica no cenário filosófico no qual se desenvolveram as reflexões de Meslier.

Além de ateu e materialista, Meslier também teceu duras críticas à religião. E não apenas à religião cristã, mais especificamente a católica, mas à religião em si mesma. Um século antes de Nietzsche e algumas décadas antes do surgimento estrondoso do marquês de Sade, esse padre provinciano proferiu uma das maiores diatribes já proferidas contra o cristianismo, em particular contra a figura de Jesus Cristo, que é definido por ele como louco, fanático, ignorante e charlatão, como um indivíduo astuto que se aproveitou da credulidade e do desespero de pessoas ignorantes para estabelecer o seu império (*ibidem*, I, p. 100).

Do ponto de vista político e ideológico, a posição de Meslier destoa significativamente da dos demais ilustrados. Ele considerava a religião a princípio como um artifício humano; porém, como um nefasto expediente dos espertalhões, aliás, como um eficiente instrumento de dominação utilizado pelos reis, sacerdotes e demais parasitas para submeterem e manipularem os povos imersos na miséria e debilitados pelo sofrimento (*ibidem*, I, p. 45). Meslier opunha-se não só ao absolutismo monárquico, mas a qualquer outro tipo de monarquia, inclusive à monarquia constitucional. Em contrapartida, defendia um governo conduzido pelos mais esclarecidos e virtuosos, no fundo, um governo do baixo clero rural, classe à qual pertencia, uma vez que esta sofria na pele as mesmas agruras que os camponeses (MESLIER 4, p. 193). Mais: Meslier refere-se com entusiasmo aos tiranicidas (MESLIER 3, III, p. 132) e

coloca-se radicalmente contra a propriedade particular (*ibidem*, II, p. 74). O modelo de vida social que ele tinha em vista eram as comunidades cristãs primitivas e as organizações de certos ordens monásticas. Meslier, na verdade, não dispunha propriamente de um projeto político, porém, era enfático em propor um comunismo utópico, uma ordem social baseada na fraternidade, na valorização do trabalho e na exploração comum da terra (*ibidem*, II, p. 81). A propósito, em várias passagens da sua obra, ele conclama os povos oprimidos e explorados do mundo a se levantarem contra os seus tiranos, bem ao modo do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels (*ibidem*, III, p. 147). No entanto, a despeito da retórica inflamada e das idéias revolucionárias dos seus sermões materialistas, o padre ateu foi em vida mais um revoltado, mais um indivíduo indignado com as injustiças sociais do que efetivamente um homem de ação engajado na realização dos seus ideais. Convém ressaltar que Meslier manteve o seu ateísmo e o seu ideário libertário no mais absoluto sigilo durante toda a sua existência, e que as suas convicções e os seus escritos apenas vieram à tona postumamente, causando um retumbante escândalo.

Assim sendo, em relação ao materialismo ateu e comunista de Meslier no mínimo três indagações se fazem necessárias: 1ª) qual é o lugar de sua doutrina no interior do debate iluminista francês?; 2ª) no que concerne à história da filosofia política das Luzes mais especificamente, qual teria sido a contribuição de sua obra?; 3ª) comparado a Montesquieu, Voltaire, Diderot, Rousseau e a outros ilustrados, quais seriam as diferenças que garantiriam ao seu pensamento certa originalidade e até certo pioneirismo?

### III

Comparando de modo geral as principais idéias de Meslier com as dos autores do alto iluminismo — a saber, Montesquieu, Voltaire, Diderot, Rousseau e D'Alembert — ou com as de autores tradicionalmente de menos destaque nos manuais de filosofia como La Mettrie, Helvetius, Holbach e os fisiocratas, ou até mesmo com as de autores de menor destaque ainda como Morelly, Mably ou Dom Deschamps, verificamos que

nenhum pensador do século XVIII francês foi tão radical quanto ele. E radical aqui em todos os aspectos, ou seja, metafísico ? ontoteológico, rigorosamente falando ? político e ideológico.

No que diz respeito, por exemplo, à questão de existência ou não de uma divindade, tanto Montesquieu quanto Voltaire, D'Alembert e Rousseau afirmaram-se no mínimo deístas. Diderot e Holbach, embora ateus e materialistas, sustentaram o direito à propriedade particular. O materialista La Mettrie, por sua vez, foi admirador do despotismo esclarecido, bem como os fisiocratas e também o próprio Diderot. Já Holbach propunha uma monarquia constitucional. Helvétius, apesar do seu materialismo, jamais incitou em seus escritos o campesinato francês à sublevação. Por outro lado, os utopistas Mably e Morelly foram críticos intransigentes da propriedade particular, defensores veementes da exploração coletiva da terra ao mesmo tempo em que professaram uma fé deísta, isto é, uma crença numa representação de deus diferente daquela expressa pela *Bíblia* e preconizada pela Igreja. A mesma postura em face da propriedade e da religião constatamos no monge beneditino Dom Deschamps, um reformista tal qual seus confrades utopistas. Em outras palavras, o posicionamento filosófico, político e ideológico da maior parte dos pensadores das Luzes francesas — muitos deles de origem nobre ou burguesa — foi marcado essencialmente pela defesa do deísmo, do despotismo esclarecido, do reformismo e da propriedade privada. E mesmo os materialistas e ateus do período acabaram em sua maioria advogando idéias legitimadoras do despotismo esclarecido ou de uma monarquia constitucional, além, é claro, do direito de propriedade, como o fizeram Diderot e Holbach. Por outro lado, aqueles que revelaram sentimentos democráticos e igualitários, como foi o caso de Rousseau, não se desprenderam metafisicamente da ilusão de Deus tampouco da crença na existência de uma substância imaterial e imortal. Como assinala Charles Rihs, no essencial os *philosophes* e utopistas mantiveram-se presos à religião a despeito dos primeiros discorrerem a favor do direito à propriedade particular e os segundos o refutarem como a fonte dos infortúnios sociais (RIHS 5, p. 15 e 16).

Ao que tudo indica, somente Meslier sustentou ao mesmo tempo e de forma resoluta o deicídio, a rebelião popular e o comunismo. Em

outras palavras, em relação aos demais ilustrados franceses, tanto da alto quanto do baixo Iluminismo, apenas Meslier, um vigário de procedência camponesa e pobre, foi ao mesmo tempo ateu, partidário de um governo de natureza popular e detrator virulento da propriedade particular da terra. Somam-se ainda a tais peculiaridades a sua biografia inusitada, a contundência do seu materialismo ateu, a radicalidade da sua crítica social, a ousadia da sua proposta política, a originalidade da sua postura ideológica no seu contexto histórico, e, por fim, os herdeiros que teve, dentre eles, vale ressaltar, Voltaire, Diderot e o obscuro e revolucionário Sylvain Maréchal, autor do não mais conhecido e estudado *Dicionário dos ateus* (1800). Essas são razões mais do que suficientes para lhe garantir um lugar de relevância não só no pensamento político das Luzes francesas, mas também nas páginas dos livros de história da filosofia, sobretudo os redigidos em língua portuguesa.

**Abstract:** When we talk about the French Enlightenment, specially the political thought of that period, our manuals and academic philosophy courses privilege only thinkers of the stock of Montesquieu and Rousseau, disdaining others based on weak arguments. That's the case, for instance, of Jean Meslier (1664-1729), a village vicar which wrote, around 1720, a radical work, in which he preconizes the union of the oppressed aiming the strangling of the last king with the bowels of the last priest. While the more known figures of Enlightenment, most of them hailing from the noble and the bourgeois classes, advocate deism, private property and enlightened despotism as elements of a true civilization, Meslier, long before them, sustained deicide, tyrannicide and communism as the bases of a new world, a singularity which warrants to him, the way we see it, a place of great importance in the political philosophy of Enlightenment.

**Key-words:** Enlightenment — materialism — atheism — communism — revolt

## Bibliografia

1. DARNTON, R. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
2. DESCARTES, R. *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. "Os Pensadores").
3. MESLIER, J. Mémoire des pensées et des sentiments de Jean Meslier. In: *Oeuvres complètes*. Paris: Anthropos, 1970 (Tome I); 1971 (Tome II); 1972 (Tome III).
4. \_\_\_\_\_. Lettre aux cures. In: *Oeuvres complètes*. Tome III. Paris: Anthropos, 1972.
5. RIHS, C. *Les philosophes utopistes: le mythe de la cité communautaire em France au XVIII siècle*. Paris: Marcel Rivière, 1970.